

A IDENTIDADE HISTÓRICA E A FORMAÇÃO DO VOCABULO AFRO-BRASILEIRO E AFRODESCENDENTE

Nágila Kelli Prado Sana Utinói

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). nag.kps@hotmail.com

104

Resumo: A luta contra o preconceito e a desconstrução de formações discursivas que excluam os sujeitos outrora marginalizados na sociedade, ganham espaço e repercussão no meio acadêmico, para tratarmos isso é necessário tratarmos a identidade. Quem é o negro Brasileiro? A identidade de um indivíduo constrói-se na língua e por intermédio dela. Sendo assim, o nosso objetivo na descrição histórica deste trabalho é analisar como se deu o processo e a formação discursiva presente no ensino da língua portuguesa, o que é o objeto de estudo deste artigo. Uma vez que questionamos as posturas da norma ortográfica Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa e suas ideologias, ao retomarmos o conceito histórico da colonização e analisarmos a posição do sujeito negro no Brasil que por muito tempo ocupou a posição de objeto.

Palavras chaves: negro, formação discursiva, discurso de poder.

1 Introdução

Durante muito tempo, a sociedade brasileira ocultou e ignorou a importância da cultura africana no Brasil e as suas contribuições para nossa formação social. De acordo com Lima (2004, p. 85) “a raiz desse ocultamento estava no preconceito e na ignorância sobre a vida social e a história desses grupos humanos e sobretudo, na necessidade de domínio sobre eles, com o objetivo de escravizá-los ou colonizá-los”.

O sentimento nacionalista de nosso país fora construído nos “mitos” nos quais há uma valorização da união, natureza e cultura dos povos americanos indígenas (autóctones) e os europeus na formação da nação brasileira, assim muitas vezes excluindo o africano. Sendo assim, é perceptível o discurso de exclusão que objetiva a desconstrução da identidade do negro.

2 A identidade linguística-cultural negra brasileira

A identidade é um fator discutido nas diversas áreas de conhecimento como: a filosofia, psicanálise, antropologia e a linguística, de acordo com Rajagopalan (2003, p. 41), “a identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela.” Sendo assim, reconhecer que esta não existe no vácuo, não é neutra como significação, e sim constitui uma referência em seu significado social, possui relevante importância na formação da identidade do indivíduo.

O conceito de identidade também vem sendo utilizado sócio historicamente como uma estratégia política, e para exemplificar partimos da conceituação de Hall (2009):

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”. “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”. (p.109)

Quando falamos sobre identidade negra nos aproximamos do processo histórico que os envolveram na sociedade de forma política e cultural e as suas representações como: escravo, ama de leite, preto velho, partindo desse contexto social, o negro foi inserido na sociedade como objeto, o próprio negro foi transformado como bem material, assim ocorrendo a inferiorização do afro-brasileiro até os dias atuais.

2.1 Processo de desagregação identitária x discurso de Poder e Exclusão

Entretanto o que aconteceu no Brasil foi a respeito das representações das relações Brasil-África e a imagem de que esta seria somente uma fornecedora de mão de obra escrava. No entanto esse silenciamento perpassa a história do Brasil e gera o não reconhecimento de que os negros que aqui estavam possuíam a tradição milenar de exploração de ouro, tanto nos rios quanto na escavação de minas e foram integrantes responsáveis pela civilização brasileira.

Os negros que foram transferidos e escravizados para o Brasil eram oriundos de diversas regiões da África, possuíam culturas, costumes e religiões diversificadas e principalmente língua diferentes.

A imagem do negro e sua representatividade no século XVI é construída como se este não fosse um ser humano, como se não pudessem ser responsáveis por progressos e avanços sociais tornando-o assim um sujeito sem voz, silenciado pelo domínio do discurso do poder, esse processo assemelha-se as reflexões de Derrida (2002) onde a delegação de poderes dada ao homem no livro da gênese o ordena que nomeie os animais, os quais surgiram antes mesmo dele, assim é possível perceber a instância do poder do discurso do dominante sobre o dominado e dentro desse processo que segue a análise feita neste artigo no que concerne à língua do branco que irá nomear posteriormente os descendentes de africanos que aqui estavam como afro-brasileiros.

Na história o processo de catequização e a viabilidade da comunicação os obrigou a adotarem a língua do branco ocorrendo dessa forma um processo de fragmentação e contato do negro com suas origens e assim a desagregação de sua noção de identidade a qual é embasada no discurso de exclusão formado na língua do branco por intermédio da “inferiorização” e a “reificação”

Assim o discurso depreciativo produzido pelo branco a respeito do negro é representado pelo discurso do Poder e da exclusão de Foucault, (2009)

...em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que

têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (p. 9)

O discurso do dominante representa a verdade para determinada cultura e assim cria-se estratégias de exclusão e inclusão social, o branco é o produtor do discurso que integra uma imagem negativa do africano com intuito de justificar a escravidão.

3 A Contextualização e posterior designação do afrodescendente como afro-brasileiro

Por muito tempo, o elemento negro foi excluído da formação da língua e da nacionalidade brasileira. No período colonial, o falar popular brasileiro, que se distanciava do português europeu, era visto como “errado”, fruto da ignorância e da incapacidade de pensar desses falantes.

Ribeiro (1897), em seu Dicionário gramatical traz o verbete elemento negro com a seguinte definição:

Por elemento negro designamos toda espécie de alterações produzidas na linguagem brasileira por influência das línguas africanas pelos escravos introduzidos no Brasil. Essas alterações não são tão superficiais como afirmam alguns estudiosos; ao contrário, são bastante profundas não só no que diz respeito ao vocabulário, mas até no sistema gramatical do idioma. (p.219)

Acreditamos que o estudo do contato do português com línguas e culturas africanas é de suma importância para a compreensão da formação do português brasileiro.

Percebemos que as raízes africanas perduraram no Brasil em uma espécie de cultura de resistência. No que concerne a história Silva (2004) argumenta a hipótese que define, de forma significativa, as contribuições africanas no chamado português geral brasileiro, e que este fora um dos percussores na atualidade do português popular brasileiro.

Contudo, após a chegada dos portugueses ao Brasil, o tráfico de escravos atuou como processo inerente à colonização e exploração da terra, e nos anos decorrentes o quantitativo de povos não europeus constituiu a maioria absoluta no país e podemos constatar isso por meio dos dados que constam na reprodução do quadro de Alberto Mussa (1991), a seguir.

Quadro 1. Os números da população negra em percentuais no decorrer dos anos.

	1538-1600	1601-1700	1701-1800	1801-1850	1851-1890
Africanos	20%	30%	20%	12%	2%
Negros brasileiros	-	20%	21%	19%	13%
Mulatos	-	10%	19%	34%	42%

Branco brasileiros	-	5%	10%	17%	24%
Europeus	30%	25%	22%	14%	17%
Índios integrados	50%	10%	8%	4%	2%

Fonte: Mussa, 1991 p.163.

Nos dois primeiros séculos constatamos a predominância indígena populacional, fator que vai se extinguindo no decorrer, em que os mulatos descendentes da miscigenação tornaram-se a maioria absoluta da população brasileira. Assim sendo, nos séculos seguintes da chegada da imigração europeia ao país, ocorreu a predominância da população negra e, posteriormente, dos afrodescendentes.

No presente artigo temos a intenção de demonstrar como as próprias regras gramaticais de uma língua podem agir como fator exclusivo de determinada etnia, no caso aqui no referimos ao afro-brasileiro.

Quem é o afrodescendente ou afro-brasileiro?

Afrodescendente é aquele que descende de africano, e em sua composição gráfica é constituído por dois adjetivos: afro, que faz referência ao africano, + descendente que é aquele que descende de quem provém por geração, portanto, afrodescendente significa “descendente de africano”.

Nesse processo morfológico de construção do vocábulo percebemos a escrita e sua junção na composição afro + descendente, já na composição da palavra Afro-brasileiro percebemos o hífen como agente separador que afeta semanticamente o sentido do léxico, permanecendo nesse o processo de exclusão identitária citada no início do artigo, ou seja ser africano e brasileiro, adjetivos pátrios e deveriam ser grafados juntos por somarem duas identidades, uma vez que o interesse é que haja um conceito de junção identitária uma vez que o grupo afro é inserido no processo histórico e cultural do Brasil. Portanto, por que as regras que regem a língua ainda insistem na permanência do hífen na constituição vocabular?

De acordo com a ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (2009)¹,

Emprega-se o hífen nas palavras compostas por justaposição que não contêm formas de ligação e cujos elementos, de natureza nominal, adjetival, numeral ou verbal, constituem uma unidade sintagmática e semântica e mantêm acento próprio, podendo dar -se o caso de o primeiro elemento estar reduzido: ano -luz, arce-bispo, arco -íris, decreto -lei, és -sueste, médico -cirurgião, rainha -cláudia, tenente -coronel, tio -avô, turma -piloto; alcaide -mor, amor -Obs.: Certos compostos, em relação aos quais se perdeu, em certa medida, a noção de composição, grafam-se aglutinadamente: girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista, etc. (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2009)

¹ Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, consta as normas do novo acordo ortográfico.

Grafam-se aglutinadamente os nominativos compostos que perdem a noção de composição, ou seja, formam uma nova palavra, não representando sua composição por dois elementos vocabulários de significação própria.

Ser afro e ser brasileiro constitui possuir uma significação própria e não uma junção vocabular de elementos composicionais. No entanto temos a intenção de questionar tal aplicabilidade da regra, uma vez que, buscamos saber quem é o sujeito negro? E o afro-brasileiro, quem seria esse?

O Brasil possui uma rica miscigenação racial e desde o período da colonização as mesclas étnicas ocorrem, então podemos afirmar que as características do biótipo africano, constitui o ser brasileiro, embora nem todos possuam a cor, mas possuem traços genéticos e culturais, também em nosso próprio falar português brasileiro, e possível no ritmo perceber as influências das línguas africanas que se tornam responsáveis por esse sotaque divergente da língua portuguesa europeia, portanto estamos mais próximos das africanidades do que imaginamos.

4 Considerações finais

A grande problemática na nomeação e significação do africanos está no fato de que no olhar deste, na colonização não havia o termo negros para os africanos, havia aqui centenas de grupos étnicos com designações variadas como fulas, mandingas, umbundos, quimbundos, cabindas, porém essa designação negro foi o nome que receberam no mundo afora e aqui.

No Brasil no contexto atual, são chamados de afro-brasileiros, devido a isso a intenção desse artigo é questionarmos o termo e a maneira como este se estrutura graficamente, analisando também o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP) e suas posturas ideológicas sócio culturais e identitárias no que refere-se a tal designação.

Uma vez que há no presente momento no Brasil uma junção cultural, ou seja, as relações de diferenciação para o não branco, pois este está já se faz tão presente culturalmente e ideologicamente, que não deveria ser separado em sua grafia.

No entanto, acreditamos que tal posicionamento reflita a percepção do outro, mas a não aceitação do híbrido com o afrodescendente, uma vez que a luta pelo idealismo de igualdade ainda permaneça, em uma sociedade dita evoluída mais com conceitos arcaicos.

Quando nos referimos ao ensino da língua e nos adentramos a âmbito escolar e como tais contextos históricos podemos refletir na relação do ensino das normas que regem a ortografia brasileira e sua escrita, uma vez que linguagem constitui o sujeito, Guerra (2008, p.195) "...é na linguagem que o sujeito se constitui, e é também nela que ele deixa suas marcas nesse processo ideológico ... A aproximação com o sujeito se dá por intermédio da linguagem por meio da educação e ensino, ocorrendo assim a quebra de paradigmas o que é possível por meio da desconstrução de estereótipos.

Referências

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ED.). **VOLP - Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. 5a. ed ed. São Paulo, SP : Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Global Editora ; Academia Brasileira de Letras, 2009.

DERRIDA, J.; LANDA, F. **O animal que logo sou**: (a seguir). São Paulo: UNESP, 2002.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 2009.

GUERRA, V. M. L. **Práticas discursivas**: crenças, estratégias e estilos. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2008.

HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2009.

LIMA, M. A África na sala de aula. In: **Nossa História**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2004. p. 84-87.

MENDONÇA, R. **A influência africana no português do Brasil**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.

MUSSA, A. **O papel das línguas africanas na história do português do Brasil**. Rio de Janeiro, 1991. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma lingüística crítica**: linguagem, identidade e a questão ética. 2 ed. São Paulo: Parábola, 2004.

SILVA, R. V. M. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2004.